

ARTE, ENSINA-SE?

ARMANDO DA CÂMARA PEREIRA *

1 - Conceito de Arte

A tradição humanista encontra no Logos, na expressão do Verbo, visto através do seu sentido primitivo, a capacidade de discriminação e combinação que leva o homem a fazer história, seleccionando pela sua escolha, certos pedaços do passado, quando os traz ao presente e os reanima. É, essencialmente a capacidade de "intus legere", de "ler no interior de", conforme a inteligência na sua íntima selecção actua, face ao caos dos sentidos do mundo exterior. Só por intermédio da nossa capacidade de intuirmos, é possível dar sentido à multiplicidade difusora das imagens, que ordenadamente e, através da empeiria (a experiência empírica), tornamos acessível numa mesma imagem. O real é simultaneamente uma unidade na diversidade; é um uni + verso (o uno no diverso) assente na base do mundo humano: estrutura primordial do ser. Por fases sucessivas, a experiência empírica, em primeiro grau, estabelece-se como uma ordem no caos, ou seja, uma harmonia de compreensão e discernimento, numa mundivisão englobante da realidade. É um projecto do mundo, assim como a composição de um quadro resulta de uma ordenação plástica de todos os seus elementos visuais. Portanto, o conhecimento empírico é ainda uma tentativa balbuciante para ultrapassar, melhor dizendo, transcender o mundo da aparência, pois se não conseguíssemos unificar o nosso ser, estaríamos à revelia dos impulsos mais instintivos, sob o signo da libido. Assim sendo, o homem liberta-se a custo destas pulsões, procurando assumir perante elas um *ethos* - um sentido moral - que as religue a algo de mais profundo e perene. Matéria e Forma, ou ainda substância e ideia não devem dissociar-se, antes complementar-se num único acto de transcendência. *Eidos*, é a forma em função da qual se realiza essa transcensão, em cuja vitalidade informe dos impulsos se exige uma triagem integradora do consciente; porém, nessa configuração gestáltica de aperfeiçoamento posterior das formas, se exige e se condiciona um estágio da realidade não apenas visual, mas superior: uma esfera do Arquétipo, ou módulo único espiritualizado.

Segundo a terminologia grega e, na sequência do conhecimento empírico, relacionado com os dados dos sentidos, existe o termo *techne* (*tekne*). Quando transitamos da esfera inferior empírica, do facto isolado, para os seguintes através da *Techne*, constitui-se um momento ascensional da teoria, já que esta é a resultante da visão geral, a reunir a multiplicidade dos fenómenos. Dar-se-lá a fundamentação coordenadora encaminhada pa-

* Docente da ESE de Beja

ra uma unidade superior, possibilitada pelo Logos, cujo Verbo associa e explica o saber como um todo. Porém, existe também o termo Poiesis com o significado de produzir, criar: ligado à arte poética, pode considerar-se o cânone de toda a actividade criadora. A Poiesis, em conjunto, é a causa de tudo o que transita do não ser para o ser, segundo Platão. Deste modo, todo e qualquer acto criativo se encontra na situação de Poiesis, conciliada por vezes à Techne, pelo que podemos inferir o seguinte: a Poiesis tem uma componente técnica comum à produção de algo que não tem ainda um fundamento universal, não revela ainda a estrutura do mundo. A poesia, contudo, distingue-se da técnica, pelo facto de ir mais longe no acto de criar, prescindindo de um conhecimento lógico, porque está para além dele, enquanto a técnica se exerce mediante um saber e uma experiência adquirida, embora parcelar; pode designar-se hodiernamente, pela fórmula de "conhecimento puramente técnico". Corresponderá à ambiguidade da palavra ars, étimo latino, para opor o artista ao artífice, sendo o primeiro aquele que cria sem fins utilitários e o segundo não prescindindo deles, na sua relação funcional e técnica. Então, podemos afirmar, que o conhecimento artístico se processa de um modo geral, segundo as vertentes empíricas, técnicas e artísticas numa complexidade crescente e num sentido mais profundo, transcendental, pois se encontra entre a realidade dos sentidos e o aperfeiçoamento gestáltico, proveniente de um segundo conceito do Belo, do Bem e do Verdadeiro. Assim, no caso da poética, esta não provém de um processo apenas técnico ou artesanal, por um factor que acrescentaremos: o do entusiasmo. Entusiasmo (etimologicamente com a significação de "Deus Interior"), concilia-se aos conceitos de inspiração e estro poético: sendo o poeta porta voz da divindade e do furor divino. Associa-se também ao vates latino, o profeta que através da vis mentis (a força da alma) exprime toda a expressão interior, com veemência. Resultado da inspiração interior aspira a algo, sendo esse algo aquilo que os gregos chamavam a-idiôn (a eternidade), entendida não de forma abstracta, mas como uma força de tensão permanente, no estabelecimento da realidade e de um espaço espiritual. O poeta, demiurgo desse espaço criativo, mediante essa tensão e por intermédio do "divino que em si mora" dá expressão ao eterno, na medida em que consegue estar fora de si, consegue o ek-stasis, a inspiração proveniente da tensão básica original. O ser subjectivo do poeta, do artista, no sentido de estar sujeito (subjectum) radica no extâse, que segundo Platão se associa a um alheamento do eu, à inconsciência, à anulação da Razão. Pode encontrar-se este estado de alma no entusiasta, no possesso, no louco, no estático. Para a doutrina zen este estado é descrito como não intencional, onde o homem "não sabe distinguir entre arco, seta, alvo, e eu, porque tudo sente entrelaçado". Para Platão não é o poeta que fala, mas esse entusiasmo ou Deus Interior, a falar através dele.. Para o Zenismo, esse alvo converge na compreensão imóvel, que é o puro estado do Nirvana.

2 - ARTE E MITO

A busca de uma realidade primordial tem a ver com o fenómeno religioso, segundo os fundamentos de uma ética e o ritual que determina a vida e o destino da actividade humana. O mito assume aqui o seu total significado: é a representação sagrada da mais alta realidade, afim ao rito de um eterno retorno, segundo o ritmo litúrgico que obedece a uma ordem superior. Coordena em uma unidade básica e englobante a multiplicidade fenomenológica, formando assim um cosmos perfeito, contraposto ao caos, como força desorganizadora e entrópica. É o princípio ordenador imóvel num tempo imperecível, diremos

mesmo, paradisíaco, numa preservação cosmogónica. É o eterno presente que dá sentido a um centro divino e absoluto. Porém, o mito mantém-se ainda como um universo fechado, intacto e consistente, no qual o homem está implicado como agente passivo. Contudo, a arte surge após a ruptura com a Ordem Absoluta, somente quando, ao esquecer essa ordem eterna, hieraticamente condicionada e posicionada, se considera apenas como uma Ordem possível, como um projecto do mundo de humanas possibilidades. Na relação original religiosa, em que o homem tem a experiência da eternidade, a forma do mito reflecte a unidade emotiva em que ela se integra. Tudo está sob o signo de Deus e sob este signo são organizadas todas as formas e figuras. A arte, pelo contrário, parece envolver e desvendar as múltiplas facetas da existência, mesmo com o advento do caos, a força impulsiva do instinto, conforme já dissemos. É necessária essa intromissão desorganizativa dentro do mundo mítico; nele todas as potências estavam ligadas entre si, por uma ordem comum. Com a deflagração caótica parece afrouxar essa ligação, tomar-se numa espécie de força demoníaca, (não o sun-bolon, mas o dia-bolon), onde imperam as imagens assustadoras, confusas, inóspitas e conflituais do individualismo. Porém, a força sub-liminar do *daimon* individual é uma voz de advertência, segundo o pensamento socrático, é uma inovação do génio latente em cada ser humano.

Nietzsche definiu estes estados de alma entre os espíritos apolíneo e dionisiaco, entre a serenidade clássica e a exaltação ébria do inconsciente, que determinará a oscilação do gosto entre o racionalismo e o expressionismo - a sobrevalorização afectiva dos sentimentos com repercussões na estética. Predomínio da forma geométrica ou do informe, domínio da recta ou da curva ao longo dos séculos, interiorização racionalizada ou expressão conflituosa das situações mais individualizadas. No entanto, neste mundo herméutico, processam-se sucessivamente a passagem do mito para a fábula, da realidade sagrada para uma realidade profana e, nesta, as acções convertem-se em espectáculo, narrativa, enfim, em arte dessacralizada. Assim, segundo a praxis humana, o mundo da natureza era na arte grega uma moldura para a epopeia antropomorfizada dos deuses. A *Mimesis*, indo para além do conceito restrito da imitação, torna sensível esta realização, onde só o artista concede sentido humano aos fenómenos isolados da vida prática, para os coordenar num cosmos, erigindo a ideia como Forma, segundo o sentido da ordem e, superiormente do símbolo.

A Estética - *aísthesis* na etimologia original - concede então à sensibilidade a ordenação dessas impressões sensíveis, cuja função fundamental é a de as incluir e as enquadrar em figuras englobantes e aperfeiçoadas, relativamente a uma realidade visual, mais caótica e perecível. A estética passa a ser uma ciência das imagens, que por selecção e associação construímos através dos órgãos dos sentidos, mas onde a fantasia e a capacidade de projectar *phantasmata*, ou seja, esquemas e imagens, não é relegada, mas sim reelaborada pelas forças dominadas do caos.

3 - ORTODOXIA E HETERODOXIA

A interacção do homem como ser natural e ser social condiciona a realidade e o posicionamento estético que o envolve. Como ser natural retrata a sua existência de indivíduo, sempre em referência com a realidade dos outros e, esta transborda a rede intelectual que a exprime e situa, correspondendo aos estímulos e à linguagem fenomenológica das

suas vivências. O homem inscreve-se em relações práticas com o mundo externo, pelo que pretende transformar esse mundo, quando toma consciência de si próprio, e numa atitude posterior, participa da riqueza adquirida pelo desenvolvimento da cultura e da civilização. Por isso, como artista inscreve-se na geral necessidade de conhecer agindo, através do conhecimento gerador dessa acção. É por esta acção que o homem se apodera do mundo: ciente de si próprio, produz objectos artísticos que vivencialmente recria, na medida em que manifestando a matéria torna possível a sua transformação e expressão plástica inovadoras. Mas, quase sempre enredado em conflitos, reflecte as condições ambientais em que nasce, as virtualidades profundas que sente em si; afinal, através das circunstâncias que paradoxalmente o suscitam e nele se confrontam, reconhece na arte o acto vital, assumido por vezes numa atitude lúdica, mas em que logo adquire responsabilidades, toma compromissos, transforma-os numa maneira de agir, visualizando a totalidade da vida e do mundo. Vive a tensão emotiva do acto criador e as emoções a representar, utilizando a psicologia no acto contemplativo, como actor e espectador. Procura o universal no particular, através da criação, ou melhor, procriação em busca dos dados originais, ontológicos de cada ser. Por isso, o diálogo entre criador e contemplador torna-se uma necessidade estética de permuta entre o pessoal e o colectivo, o Ego e o Alter Ego numa dialéctica de jogo, transgressão (Hubrys) e transfiguração da realidade. A obra de arte manifesta-se contudo, numa actividade sem objectivo imediato, prossequindo nos degraus escatológicos dessa transfiguração que a levam ao êxtase, pelo facto de se tornar sobre-real, ou melhor, trans-pessoal, reunindo forma e conteúdo e, numa visão totalizadora, o pólo lírico e o pólo científico que complementarizam a complexidade humana.

4 - PEDAGOGIA NA ARTE

Após o que dissemos, pode concluir-se que a acção do pedagogo se assemelha à do esteta, ao descobrir as múltiplas vertentes da realidade. Deve conciliar o uno no diverso, situar-se entre a ortodoxia e a heterodoxia do conhecimento (o centro e a margem desse conhecimento), entre uma tradição onde os valores sociológicos, psicológicos e éticos convergem no espírito de um povo (conforme o *Weltgeist*), se orientam para uma visão universalista da modernidade, unindo a ciência e a arte num mesmo contexto histórico. Deve ser o mentor dessa cultura de pólos opostos, mas que dialécticamente se centralizam numa síntese' mais aprofundada das realidades pessoais e trans-pessoais; deve promover uma sociedade democrática, igualitária em direitos de aprendizagem, numa consonância simultânea entre o pendor individual e o pendor colectivo. Deste modo, o produto artístico resultará mais enriquecedor e pedagógicamente autêntico com a vitalidade geradora da inovação, suportada pelas estruturas tradicionais; porém, estas jamais devem ceder a um provincianismo nacionalista, digamos, chauvinista, que impeça o gesto singular e mais criativo do talento ou do génio na voz colectiva do povo, conforme o caso Fernando Pessoa e seus heterónimos.

"A Arte Ensina-se?", perguntamo-nos nestas jornadas culturais. Pensamos que a resposta é positiva; ela é a resultante de uma aprendizagem contínua, para um apuramento do saber entre o intelecto e o instinto com o lado estético da sensibilidade poética, no uni + verso crescente do fenómeno humano, por intermédio do progresso e da civilização.